

de nova iorque para dallas

j. d. robb

Tradução de Idalina Morgado

*O Presente é a soma total vivente
De todo o Passado.*

THOMAS CARLYLE



*Interrogo-me, francamente, o que tu, e eu
Fizemos, até amarmos.*

JOHN DONNE

CAPÍTULO

1



Enquanto uma tempestade de fim de verão embatia contra a sua única janela estreita, a tenente Eve Dallas desejava homicídios.

Pelo que conseguia perceber, uma morte, sangrenta e oportuna, era a única coisa que poderia salvá-la da tortura que representava a papelada empilhada como os Alpes sobre a sua secretária, na Central da Polícia. A culpa era sua, sem dúvida, mas ela tinha estado demasiado ocupada a investigar e a encerrar casos para se preocupar com orçamentos, relatórios de despesas e as malditas fichas de avaliação.

Não ajudava dizer a si própria que isso fazia parte do trabalho, quando ela tinha realmente de o fazer — por atacado —, e era por isso que se fechava no seu gabinete com montes e montes de café e se perguntava porque é que alguém não matava outra pessoa e a salvava daquele pesadelo.

Não era bem assim, na verdade, disse a si própria. Ou não exatamente. Mas já que, de qualquer modo, as pessoas estavam sempre a matar outras, porque não *agora*?

Fitou os números no ecrã do seu computador até lhe doerem os olhos. Praguejou, amouu, irritou-se, a seguir concentrou-se e comprimiu, esmiuçou, distorceu e manipulou até conseguir fazer com que o somítico orçamento do departamento se ajustasse às necessidades da sua divisão.

Eram polícias de homicídios, pensou ela com um ressentimento amargo. Os Homicídios não dependiam somente de sangue para funcionar.

Conseguiu ultrapassar esses problemas, avançou para as notas de despesas apresentadas pelos seus agentes e detetives.

O Baxter acreditava realmente que ela ia aceitar trezentos e setenta e

cinco dólares por sapatos, porque ele tinha lixado os dele ao perseguir um suspeito pelos esgotos? E por que raio é que o Reineke tinha despendido o dobro do preço habitual de uma acompanhante registada de rua para obter informações?

Parou, foi buscar mais café, observou pela janela durante alguns minutos a ferocidade da tempestade. Pelo menos não estava lá fora, enlatada como uma sardinha encharcada num dos arrepiantes elétricos aéreos, ou a abrir caminho pelo meio do trânsito infernal que submergia as ruas. Ela podia estar encharcada, a ser cozinhada lentamente a vapor na corrente interminável de calor que o verão de 2060 derramava sobre Nova Iorque.

Estava a empatar, pensou ela com desagrado, e forçou-se a sentar-se novamente. Prometera a si própria que acabaria antes da cerimónia da tarde. Tanto ela como a sua parceira iriam receber medalhas. Peabody merecia isso e muito mais, pensou Eve, tendo sido o catalisador da destruição de uma rede de polícias corruptos.

Se a papelada era o árduo trabalho do comando, recomendar o nome de Peabody para a medalha de honra por Serviço Meritório Policial por Integridade era uma benesse. Tudo o que Eve tinha de fazer era terminar o trabalho mais aborrecido, e depois podia aproveitar o momento de cabeça limpa e consciência tranquila.

Desejava ter guloseimas, mas ainda não tinha encontrado um novo esconderijo para frustrar o nefasto Ladrão de Doces. Desejava poder largar parte destas chatices em cima de Peabody, da mesma forma que fazia quando ela era sua assistente em vez de sua parceira.

Esses dias tinham acabado.

Estava novamente a empatar, admitiu, e passou os dedos pelo seu cabelo castanho curto e irregular.

Conseguiu despachar os relatórios de despesas, submeteu-os aos seus superiores. Agora eram problema de outra pessoa, decidiu, e sentiu-se quase justificada. Não havia razão para não começar as avaliações mais tarde.

— Tarefa completa. Encerrar.

Não é possível executar, respondeu o computador.

— Já terminei.

Declaração incorreta. Ordem anterior estipulou que todos os relatórios e avaliações indicados devem

*ficar completos antes do encerramento do sistema.
Esta ordem dada por Dallas, tenente Eve, de base
prioritária, só pode ser contrariada por sua ordem
em caso de incêndio, ataque terrorista, invasão
alienígena ou um caso aberto e ativo que requeira
a sua atenção...*

Credo, ela tinha mesmo programado aquilo?

— Mudei de ideias.

*Ordem anterior especifica que mudar de ideias,
fadiga, tédio e outras desculpas esfarrapadas não
são aceitáveis para contrariarem a ordem...*

— Vai-te lixar — murmurou Eve.

Não é possível executar...

— Está bem, está bem, está bem. Computador, dispõe as avaliações anteriores, por ordem alfabética, de todos os agentes sob o meu comando.

Eve foi avançando no trabalho. Tinha programado o maldito comando para se manter a ela própria na linha, e porque cada um dos seus homens merecia o tempo e a atenção necessários para uma avaliação séria e criteriosa.

Terminou a de Baxter, a de ambos os Carmichael, e avançava arduamente pela de Jenkinson quando soou um bater na porta.

— Sim, o que foi? — Olhou para Peabody quando a sua parceira abriu a porta. — Há alguma invasão alienígena?

— Que eu saiba, não. Está aqui um tipo, todo tremeliques, que diz que só pode falar contigo. Ele diz que é uma questão de vida ou de morte.

— Sim? — Ela animou-se. — Computador, contraordem de vida ou de morte. Guardar e aguardar.

Verificação necessária...

— Peabody, diz a esta maldita máquina que há um ser humano a requerer a minha atenção num assunto de vida ou de morte.

— Ah, computador, a inspetora Delia Peabody solicita a atenção da tenente para um assunto urgente.

Irritada, Eve deu uma palmada no computador com a palma da mão.

— É mesmo lamentável quando o teu próprio computador não acredita na tua palavra.

— Puseste isso tudo aí para não te escapares da papelada.

— Mesmo assim. Manda a vida e a morte entrar.

Ele entrou apressado e vacilante, um indivíduo magro que ela julgou ter vinte e muitos anos. Exibia um emaranhado de rastas desmazeladas, calções vermelhos largos, chinelos de gel, um *piercing* de argola de prata no lábio e uma camisola de cava desbotada branca que mostrava os braços tatuados. O suor escorria-lhe pelo rosto fino e branco.

— É a Dallas. A tenente Eve Dallas, NYPSD¹. Homicídios.

— Isso mesmo. O que é que...

Ele desatou a chorar, lágrimas altas e soluçantes.

— Ele disse... ele disse... Eu só podia falar consigo. Tinha de vir ter consigo. Ele tem-na. Tem a Julie. Ele vai matá-la se não vier comigo. Ele disse uma hora, e eu gastei metade disso só para chegar aqui.

As palavras dele misturavam-se umas com as outras entre soluços e tremores. Eve levantou-se da sua cadeira, fazendo-o sentar-se nela.

— Aguenta-se e tenha calma. Como é que se chama?

— Chamo-me Tray. Tray Schuster.

— Quem é ele?

— Não sei. Ele estava apenas lá, na minha casa. Na nossa casa. Ela tinha acabado de se mudar para lá, na semana passada. Ele encontrava-se lá quando acordámos, e amarrou-nos. Ele tomou o pequeno-almoço, e ele... não importa. Têm de vir comigo ou ele mata-a. Esqueci-me, esqueci-me. É suposto eu dizer: «Soou o sino da segunda ronda.» Por favor, ele tem uma faca. Ele vai esfaqueá-la. Se não vier, se eu for ter com mais alguém, ele disse que a matava.

— Onde?

— Na minha casa. Na nossa casa, quero dizer.

— Onde é a vossa casa, Tray?

— Murray Street, 258.

O endereço trouxe-lhe um entendimento imediato, e, com esse entendimento, as suas entranhas revoltaram-se.

— Apartamento 303?

— Sim. — Ele passou a mão pelo rosto. — Como é que...

¹ Polícia e Departamento de Segurança de Nova Iorque, no original *New York Police and Security Department*. (N. de T.)

— Fique aqui, Tray.

— Mas...

— Fique.

Ela saiu em passos largos, em direção ao átrio da esquadra.

— Peabody. — Passou os olhos pelas secretárias e pelo movimento. — Baxter, Trueheart, Carmichael, Sanchez. O que quer que estejam a fazer, parem e equipem-se. O suspeito é Isaac McQueen. Tem uma mulher refém, na Murray Street, número 258, apartamento 303. O suspeito está armado e é extremamente perigoso. Dados adicionais a caminho, pois o suspeito deu um limite de tempo para responder. Carmichael, Sanchez, vão buscar a testemunha ao meu escritório. Mantenham-no fechado no vosso veículo. Peabody, comigo. Vamos!

— Isaac McQueen? — Peabody esforçou-se para acompanhar as longas pernas de Eve. — O Colecionador? Ele está em Rikers. Pena de prisão perpétua.

— Verifica isso. Ou ele saiu ou alguém está a fazer-se passar por ele. Aquele era o apartamento dele. Era onde ele mantinha...

Todas aquelas raparigas. Tantas raparigas.

— Ele tem a companheira deste tipo — continuou Eve, empurrando para abrir caminho até ao elevador. — Ele mandou-o vir ter comigo, especificamente. Eu apanhei o McQueen naquele apartamento.

— Não há nenhum alerta ou notificação... espera. — Peabody deslizou o dedo pelo minicomputador portátil. — Alerta interno soterrado aqui. Eles ainda nem sequer informaram o comando. O McQueen escapou ontem, algures durante o dia. Matou um dos enfermeiros da enfermaria e conseguiu sair com o uniforme e a identificação dele. — Peabody ergueu o olhar do seu miniportátil. — Ele simplesmente saiu.

— Nós vamos simplesmente metê-lo de novo lá dentro. — Eve atravessou o parque de estacionamento em passo de corrida até à sua viatura. — Informa o comandante Whitney. Ele pode começar a dar nas cabeças da administração da prisão. Ele ainda não a matou — murmurou Eve enquanto saía do estacionamento subterrâneo. — O McQueen não fugiu só para esfaquear uma mulher qualquer. Ele é esperto, organizado e tem um objetivo. Ele tem necessidades. Ele não as mata, a não ser que elas quebrem ou não o satisfaçam. Ele coleciona. Não está interessado nesta Julie. Ela está acima do limite de idade dele.

Peabody terminou a mensagem para o escritório do comandante antes de erguer os olhos para Eve.

— Ela é um isco. Para ti.

— Sim, mas não faz sentido. Ele acabaria por ficar encurralado, tal como ficou anteriormente.

Não fazia sentido, pensou Eve outra vez, mas ordenou a Peabody que solicitasse agentes como reforços.

Usou a unidade de pulso que o marido lhe oferecera e ativou o comunicador.

— Carmichael, quero que tu e o Sanchez cubram as traseiras do edifício. Agentes a caminho como reforço. Baxter, tu e o Trueheart vão entrar comigo e com a Peabody. Coletes à prova de bala. Ele vai estar à nossa espera.

Ela abanou a cabeça, cortou caminho pela abertura estreita entre dois Rapid Cabs.

— Ele não vai lá estar. Não há hipótese de se encurralar a si mesmo. Ele sabe que eu vou, e que não vou sozinha.

— Talvez seja isso que ele quer que penses, e seja uma armadilha.

— Estamos prestes a descobrir.

Eve observou o edifício, uma das casas cavernosas que tinha sobrevivido às Guerras Urbanas e que fora convertida em apartamentos. Já vira melhores dias — os seus melhores dias tinham acontecido um século antes —, mas aguentava-se com os seus tijolos cor-de-rosa desbotado e janelas com grades ornamentadas.

A entrada principal abria diretamente para o passeio e tinha um sistema de segurança mínimo. Um bairro de classe operária, pensou Eve, tal como tinha sido durante o reinado de McQueen. A maior parte dos residentes chegava a casa ao fim do dia, acomodava-se com uma cerveja e algum programa no ecrã, e não se metia na vida dos outros.

Dessa forma, McQueen tinha conseguido manter-se na sua vida durante quase três anos. E as vidas de vinte e seis raparigas entre os doze e os quinze anos haviam ficado para sempre marcadas.

— Ele tem a monitorização de privacidade ativa — disse Eve. — Se lá estiver, sabe que nos encontramos aqui. Ele deve ter feito contactos, amigos, na prisão. É charmoso, envolvente, matreiro. É possível que tenha conseguido deitar a mão a algo de mais longo alcance do que uma faca. Mantenham-se discretos. Sejam rápidos.

Confirmou com Carmichael, deu o sinal para avançar.

Bloqueando as memórias, ela movimentou-se, verificando as escadas enquanto subia, com a arma em riste. Garganta seca, mente fria.

— Deixa-me analisar a porta. — Peabody retirou o seu miniportátil. — Ele pode tê-la armadilhado.

— Abre para uma sala de estar, cozinha atrás, zona de refeições à direita. Dois quartos, um à direita, um à esquerda. Casa de banho anexa ao quarto da direita. Lavabos à esquerda da cozinha. É um apartamento grande, quase cinquenta metros quadrados.

— A análise indica que podemos avançar — disse-lhe Peabody.

— Baxter, diretamente para a parte de trás. Trueheart, Peabody, para a esquerda. Eu vou para a direita. — Acenou com a cabeça para Trueheart e para o aríete. Fez uma contagem decrescente com os dedos, a partir do três.

A porta quebrou pelas dobradiças, as fechaduras estalaram. Eve entrou rapidamente e agachada, concentrada no presente, não no passado. Ouviu o ruído de passos apressados enquanto a sua equipa se espalhava pela sala.

Abriu a porta do quarto com um empurrão, verificou o quarto com a arma. Viu o corpo na cama, mas continuou a verificar — esquerda, direita, armário, casa de banho, enquanto ouvia os membros da sua equipa dizerem: «Livre!»

— Aqui — gritou Eve, e dirigiu-se então para a cama. — Você está bem. Está tudo bem. Nós somos da Polícia.

Desatou a mordaça à volta da boca inchada e ensanguentada da mulher. Os sons que ela emitia eram gemidos e sussurros incoerentes.

Ele tinha-a despido; esse seu padrão não mudara. Antes que Eve pudesse dar a ordem, Trueheart, o seu rosto jovem e bonito irradiando compaixão, puxou a fina colcha do chão para cobrir o corpo trémulo.

— Vai ficar bem agora — disse ele, gentilmente. — Agora está em segurança.

— Ele magoou-me. Ele magoou-me.

Peabody avançou, retirando, do gancho aparafusado na parede, o lençol com nós que McQueen tinha usado para amarrar as mãos da mulher.

— Ele já não a pode magoar. — Depois sentou-se, puxando Julie contra si para a deixar chorar.

— Ele jurou que não me faria mal se o Tray cumprisse o que ele tinha dito, mas fê-lo. Fê-lo. Violou-me, e magoou-me. E fez-me isto.

Eve já o tinha visto, tatuado num vermelho sanguinolento sobre o seio esquerdo de Julie, aprisionado num coração perfeito.



— Transporte a caminho — disse Baxter a Eve. Ele virou-se para longe da mulher que soluçava nos braços de Peabody, falou baixinho. — Eles vão ter lá um terapeuta de violação. Queres que chame a equipa forense para analisar o local?

Não faria diferença, pensou ela. Ele não teria deixado nada para trás, a não ser que tivesse essa intenção. Mas assentiu com a cabeça.

— Avisa o namorado de que ela está em segurança. Ele pode ir com ela ao hospital. Tu e o Trueheart saiam, por favor. Peabody, vai buscar roupa para a Julie. Ainda não a pode vestir. — Eve manteve-se aos pés da cama e esperou até que Julie a olhasse nos olhos. — Vão ter de a examinar primeiro, e nós vamos ter de lhe fazer perguntas. Eu sei que é difícil. Quero que saiba que o Tray fez tudo o que podia para chegar até mim o mais depressa possível, para me trazer até aqui.

— O Tray não se queria ir embora. Implorou-lhe que me deixasse ir em vez dele. Não me queria deixar.

— Eu sei. O nome dele é Isaac McQueen. Ele disse-lhe algo, Julie, algo que queria que me dissesse a mim.

— Ele disse que eu não era boa, que não era... fresca, mas que abria uma exceção. Eu não o consegui impedir. Ele magoou-me, amarrou-me as mãos. — Ainda a tremer, ela estendeu os braços para mostrar os hematomas nos pulsos. — Não o consegui impedir.

— Eu sei. Julie, eu sou a tenente Dallas. Eve Dallas. O que é que o Isaac queria que me dissesse?

— Dallas? A senhora é a Dallas?

— Sim. O que é que ele queria que me dissesse?

— Ele disse para lhe dizer que lhe deve tudo a ele. Chegou a altura de pagar. Eu quero a minha mãe. — Ela cobriu o rosto com as mãos. — Eu quero a minha mãe.

Era um disparate sentir-se inútil. Não havia nada que ela pudesse ter feito para evitar o que Julie Kopeski e Tray Schuster tinham sofrido. Não havia nada que pudesse fazer para alterar a maneira como aquele trauma os iria mudar.

Ela conhecia a patologia de Isaac McQueen, o seu estilo particular de tortura. Ele era perito em incutir um sentimento de impotência e desespero nas suas vítimas, em convencê-las a fazer exatamente o que lhes era ordenado, como lhes era ordenado, quando lhes era ordenado.

Eve não fora uma das suas vítimas, mas também compreendia a vitimologia.

Ela fora vítima de outra pessoa.

Lembrar-se disso não lhe trazia nada de bom, nem pensar nas raparigas que tinha salvado. Ou nas que se tinham perdido antes, doze anos antes, quando havia olhado para os olhos de um monstro e o tinha conhecido.

Em vez disso, chamou Tray à parte no hospital.

— Eles precisam de a examinar, e a Julie precisa de falar com o terapeuta de violação.

— Oh, Deus. Meu Deus. Eu não a devia ter deixado.

— Se não o tivesse feito, ela estaria morta e o Tray também. Ela está viva. Está magoada e foi violada, mas está viva. Deverão lembrar-se disso, ambos, porque estar viva é melhor. Disse que ele estava lá quando acordou.

— Sim.

— Fale-me sobre isso.

— Acordámos tarde, ou assim o pensei...

— A que horas é que acordaram?

— Não sei exatamente. Acho que foi por volta das oito. Virei-me para o lado a pensar: «Que chatice, vamos chegar atrasados ao trabalho.» Sentia-me estranho, resacado, como se tivéssemos festejado muito na noite anterior. Mas não o fizemos — disse ele rapidamente. — Juro. A Julie nem sequer toma Zoner.

— Vamos ter de vos examinar aos dois — começou Eve.

— Juro que não consumimos nada. Eu dir-lhe-ia. Ele deu algo à Julie, disse ele, mas...

— É provável que vos tenha drogado aos dois. Vamos fazer exames para perceber o que foi que ele usou. Ninguém o vai chatear por causa de estupefacientes, Tray.

— Está bem. Está bem. Desculpe. — Ele esfregou a cara com força. — Estou só baralhado. Não consigo pensar corretamente.

— O que é que fez quando acordou?

— Eu... Eu disse à Julie para se pôr a mexer, dei-lhe um toque, percebe? Ela estava mesmo inconsciente. Virei-a mais ou menos ao contrário e vi fita adesiva a tapar-lhe a boca. Pensei que ela estava a pregar-me uma partida e comecei a rir-me. Ele estava só ali, pá, é tudo o que sei. Agarrou-me pelos cabelos, puxou-me a cabeça para trás e encostou-me uma faca à garganta. Perguntou-me se eu queria viver. Se eu queria que a Julie vivesse. Ele disse

que não havia necessidade de ninguém se magoar. Eu só tinha de fazer o que ele me dissesse. Devia ter retaliado.

— O McQueen tem uns bons trinta quilos a mais do que o Tray, talvez mais. Ele tinha uma faca encostada à sua garganta. Se ele o tivesse matado, acha que a Julie estaria viva?

— Não sei. — Lágrimas continuavam a escorrer-lhe dos olhos, mais depressa do que ele as conseguia enxugar. — Acredito que talvez não. Eu estava assustado. Disse-lhe que não tínhamos muito dinheiro, mas que ele podia levar o que quisesse. Agradeceu-me, muito educado. Isso foi ainda mais assustador. Ele tinha uma daquelas amarras de plástico e disse-me para as pôr e para me sentar no chão, aos pés da cama. Por isso, foi o que fiz, e a Julie ainda estava inconsciente. Ele disse-me que lhe tinha dado algo para a fazer dormir enquanto nós os dois nos conhecíamos melhor. Disse-me para prender as amarras à perna da cama e deu-me outro conjunto para colocar nos meus tornozelos. Pôs-me fita adesiva sobre a boca. Disse para eu me sentar e ficar calado, e que ele voltaria num minuto.

— Ele saiu do quarto?

— Tentei soltar-me, mas não consegui. — Involuntariamente, ele esfregou as escoriações nos pulsos. — Cheirava-me a café. O sacana estava na cozinha a fazer café. Regressa com café e com uma tigela de cereais. Tira-me a fita adesiva da boca e senta-se. Começa a fazer-me perguntas enquanto toma o raio do pequeno-almoço. Que idade é que tenho, que idade tem a Julie. Há quanto tempo estamos juntos, quais são os nossos planos. Se já tínhamos o apartamento há muito tempo. Se tínhamos conhecimento da sua história.

Tray teve de inspirar sofregamente, soltou um suspiro e estremeceu.

— Ele continuava sempre a sorrir, e era, tipo, sincero. Como se quisesse mesmo conhecer-nos.

— Durante quanto tempo falaram?

— Ele falou a maior parte, e eu não sei. É, tipo, surreal, sabe? Ele disse-me que o apartamento era dele, mas que tinha estado fora durante muito tempo. Não gostava da cor que tínhamos escolhido para pintar o quarto. Meu Deus. — Fez uma pausa, olhou para a porta da sala de exames. — Quanto tempo falta para eu poder entrar?

— Demora algum tempo. A Julie acordou?

— Ele acabou de tomar o pequeno-almoço, e até levou a loiça consigo. Quando regressou, deu-lhe outra coisa. Creio que me passei. Acho que comecei a gritar e tentei soltar-me. Pensei que ele ia matá-la. Pensei que...

— Ele não a matou. Lembre-se disso.

— Eu não podia fazer *nada*. Ele deu-me algumas bofetadas. Nada com força, só uns tabefes. Isso também foi assustador. Ele disse que se eu não me comportasse, ele, Jesus, cortava-lhe o mamilo esquerdo, e será que eu queria ser responsável por isso? Ele tinha um daqueles ganchos que a Julie usa para pendurar plantas e outras coisas, e aparafusou-o à parede. Usou os lençóis para a amarrar e deixou-os pendurados, para que ela ficasse sentada quando retomasse a consciência. Ela estava tão assustada. Conseguia ouvi-la a tentar gritar por detrás da fita adesiva, e a debater-se contra os lençóis. A seguir, ele encostou-lhe a faca à garganta e ela parou.

» Ele disse «linda menina». Disse-me que podiam acontecer duas coisas. Ele podia cortar a Julie, os mamilos, os dedos, as orelhas, pequenos pedaços dela podiam cair pelo chão do quarto até ela estar morta. Ou eu podia ter uma hora para ir à Divisão de Homicídios da Central da Polícia e falar com a tenente Eve Dallas, entregar-lhe uma mensagem, e regressar com ela. Se demorasse mais tempo, ele matava a Julie. Se eu falasse com outra pessoa, ele matava a Julie. Se eu tentasse usar um *link* em vez de falar consigo pessoalmente, ele matava a Julie. Eu disse-lhe que faria tudo o que ele quisesse, mas pedi-lhe que a libertasse. Que deixasse a Julie ir entregar a mensagem em vez de ser eu a fazê-lo.

Ele teve de esfregar as lágrimas recentes dos olhos.

— Eu não queria deixá-la com ele. Mas ele disse que se eu voltasse a pedir isso, ou qualquer outra coisa, se eu o questionasse de alguma forma, ele tiraria o primeiro pedaço dela para eu aprender a lição. Acreditei nele.

— Fez bem em acreditar nele, Tray.

— Ele explicou-me o que dizer, fez-me repeti-lo vezes sem conta enquanto apontava a faca à Julie. Soltou-me, pontapeou algumas roupas e os chinelos para perto de mim. Sessenta minutos, disse ele. Se demorasse sessenta e um, ela estaria morta por eu não ter conseguido seguir instruções. Tive de correr. Não tinha dinheiro, nem cartões, nem créditos, nada para um táxi, para um autocarro. Talvez se eu tivesse encontrado outro polícia, mais depressa, ele não tivesse tido tempo para a magoar.

— Talvez. E talvez ele lhe tivesse cortado a garganta. Isso não leva muito tempo. Ela está viva. Eu conheço este homem, e pode acreditar em mim quando lhe digo que ele podia ter feito pior. — Ela tirou o seu cartão, entregou-lho. — Vai querer falar com alguém sobre o que lhe aconteceu. Alguém que não seja polícia. Pode ligar-me quando estiver disposto a isso, e eu dou-lhe alguns nomes.

Ela afastou-se, pensando na papelada. Ela desejava homicídios, lembrou-se, e tinha recebido pior.

Na Central, Eve usou o átrio da esquadra para uma reunião breve e assertiva sobre Isaac McQueen.

— O indivíduo tem trinta e nove anos, cabelo castanho e olhos azuis, embora mude o tom de ambos regularmente. Um metro e noventa e dois, quase cem quilos. Praticou e é perito em combate corpo a corpo, incluindo várias artes marciais, e manteve-se em forma na prisão.

Eve dispôs no ecrã a identificação dele na prisão, analisou as rugas que uma dúzia de anos numa cela se lhe tinham gravado no rosto. Ela sabia que as mulheres o consideravam atraente e charmoso, com o seu sorriso breve, sedutor. As jovens confiavam nos seus traços quase femininos, na forma cheia dos seus lábios, no acentuar das suas covinhas.

Ele usava isso, tudo isso, para atrair as suas presas.

— Prefere as facas como armas e como meio de intimidação. A mãe dele era toxicod dependente, uma vigarista com uma aptidão considerável que passou ao filho. Tinham uma relação incestuosa, muitas vezes manipulando o seu alvo como casal. Ela também alimentava o vício dele por raparigas mais novas. Juntos, raptaram, violaram, torturaram e depois venderam ou desfizeram-se das suas vítimas até que o corpo de Alice McQueen foi retirado do rio Chicago no outono de 2040. A sua garganta tinha sido cortada. Apesar de McQueen nunca ter admitido o homicídio, acredita-se que foi ele o responsável. Teria dezanove anos.

» Também se acredita que foi ele o responsável pelo rapto de pelo menos dez raparigas menores nas áreas de Filadélfia e Baltimore, e pelo homicídio de Carla Bingham, em Filadélfia, e de Patricia Copley, em Baltimore. Ambas as mulheres, com quarenta e cinco e quarenta e dois anos de idade, respetivamente, eram toxicod dependentes com quem McQueen fez parceria, viveu e caçou durante o seu tempo nessas cidades. Ambas foram encontradas em rios com as gargantas cortadas. Devido à falta de provas ou à falta de tomates dos respetivos advogados de acusação, McQueen nunca foi acusado destes crimes.

Mas ele tinha cometido esses crimes, pensou ela. E mais ainda.

— Entre 2045 e 2048, usou Nova Iorque como seu território de caça, em parceria com Nancy Draper: quarenta e quatro anos, toxicod dependente. Durante este período, ele apurou as suas capacidades, acrescentou alguns

floreados. Ele e a Draper viviam num apartamento em Lower West Side, financiando os seus hábitos e estilos de vida através de jogos de apostas, roubo de identidades e fraudes eletrônicas, outras aptidões que ele entretanto desenvolvera. Já não vendia as suas presas, mas mantinha-as. Vinte e seis raparigas entre os doze e os quinze anos foram raptadas em Nova Iorque, violadas, torturadas, espancadas e submetidas a uma lavagem cerebral. Ele mantinha-as acorrentadas num quarto do apartamento. Todo o apartamento estava insonorizado, com a área do aprisionamento trancada. Durante a sua fase nova-iorquina, tatuou as suas vítimas com o número que indicava a sua posição nos raptos, dentro de um coração sobre o seio esquerdo. Vinte e duas foram encontradas naquele quarto.

E ela ainda conseguia vê-las, a cada uma delas.

— As restantes quatro nunca foram encontradas, nem os seus corpos recuperados. Até as suas identidades são desconhecidas, uma vez que ele se aproveitava frequentemente de fugitivas.

» É um sociopata altamente inteligente e organizado, um pedófilo predador, um narcisista com a capacidade de assumir várias personalidades. Usa as mãos-substitutas para apoio, para lhe darem cobertura, para alimentar o ego, e depois elimina-as. O corpo de Nancy Draper foi recuperado do rio Hudson dois dias após a captura dele. Ela já estava morta há três dias. É provável que o McQueen estivesse a preparar-se para uma mudança: ou para sair de Nova Iorque ou simplesmente para arranjar uma nova parceira.

A teoria da nova parceira era a sua preferida, sempre fora.

— Ele não confessou nada, mesmo após um intenso interrogatório. Foi condenado por múltiplas acusações de rapto, aprisionamento forçado, violação e agressão, e foi sentenciado, neste planeta, com penas de prisão perpétuas consecutivas, sem possibilidade de liberdade condicional, em Rikers, onde os relatórios referem que ele era um prisioneiro exemplar.

Ela ouviu um dos seus homens emitir um som de repulsa e desprezo e, como ela sentia o mesmo, não fez qualquer comentário.

— Isto até ontem, quando cortou a garganta a um enfermeiro e escapou. Desde então, regressou ao seu antigo apartamento, prendeu o casal que lá vivia, ameaçou-os e, depois de obrigar a vítima masculina a sair para me vir buscar, espancou e violou a mulher, deixando-a com o coração tatuado com o número vinte e sete.

» Ele deixava-as viver porque queria que entregassem mensagens. Está de volta e tenciona continuar onde parou. Isto não é um homicídio — acrescentou. — Oficialmente, a investigação não nos pertence.

Reparou em Baxter a endireitar-se na sua secretária.

— Tenente...

— Mas — continuou ela no mesmo tom —, quando um cabrão como o McQueen me envia uma mensagem, eu vou dar-lhe toda a atenção. Espero que cada um de vós faça o mesmo. Leiam o ficheiro dele. Fiquem com uma fotografia dele. No que quer que estejam a trabalhar, seja com quem for que estejam a falar, uma testemunha, um informador, uma vítima, um suspeito, outro polícia, o vendedor ambulante que vos vende cachorros-quentes de soja na esquina, mostrem-lhes a foto. Mantenham os olhos e os ouvidos abertos. Ele já está à caça da número vinte e oito.

Eve dirigiu-se ao seu escritório — precisava de um minuto — e fechou os olhos apenas por breves instantes, até ouvir os passos de Peabody atrás de si.

— Tenho de escrever o relatório, Peabody, e contactar o comandante. Lê o ficheiro.

— Já li o ficheiro. Estudei o caso, a fundo, quando estava na Academia. Tu própria ainda mal tinhas saído da Academia quando o apanhaste. Ainda eras uma aspirante. Foi a tua primeira grande detenção. Tu...

— Eu estava lá, Peabody. Lembro-me dos pormenores.

Os olhos escuros de Peabody permaneceram firmes, o seu rosto quadrado sério.

— Tu sabes quem ele é, o que ele é, como ele é. Por isso, sabes que ele quebrou o padrão para te enviar uma mensagem. Custaste-lhe doze anos, Dallas. Ele virá atrás de ti.

— Talvez, mas eu não faço o género dele. Passei a puberdade há muito tempo. Não sou ingénua, estúpida ou indefesa. É muito mais provável que ele considere isto uma competição; ele precisa de me vencer. E há uma cidade cheia de raparigas para ele escolher e fazer-me pagar por esses doze anos. — Cansada, ela sentou-se. — Ele não me quer morta, Peabody, pelo menos não para já. Ele quer mostrar-me que é mais esperto do que eu. Quer humilhar-me, pelo menos durante algum tempo. Será assim que ele estará a ver isto, uma humilhação para mim quando ele começar a sua nova coleção.

— É provável que ele te tenha estudado. Pensa que te conhece, mas não conhece.

— Irá conhecer antes que isto acabe. Olha, estamos a ficar apertados de tempo. Vai vestir o teu uniforme.

— Podemos adiar a cerimónia, começar a trabalhar no caso.

Embora ter uma medalha presa ao peito fosse a última coisa que Eve

quisesse, com o rosto sofrido de Tray Schuster e os olhos vidrados de choque de Julie Kopeski na sua mente, ela abanou a cabeça.

— Não vamos adiar nada, e o caso não é nosso. — Mas ela tencionava ser bastante convincente para que passasse a ser. — Agora, sai-me da frente. Eu também tenho de me mudar. Não és a única que vai receber uma medalha hoje.

— Sei que não é a tua primeira medalha. Continua a ser importante para ti?

— Esta é. Esta é importante. Agora, vai-te embora.

Sozinha, sentou-se por um momento. Peabody tinha razão, pensou ela, McQueen não a conhecia. Ela não se sentia humilhada. Sentia-se afetada — no coração e no estômago, na mente. E, graças a Deus, apercebeu-se, estava a começar a sentir-se furiosa.

Ela trabalharia melhor furiosa.

CAPÍTULO

2



N o balneário, com o seu odor familiar a suor, sabão e ao *aftershave* barato de alguém, Eve atou os desconfortáveis sapatos pretos do uniforme. Ela odiava-os — sempre odiara —, mas regulamentos eram regulamentos. Fletiu os dedos dos pés por um momento, depois levantou-se do banco e pegou no chapéu do uniforme. Virando-se para o espelho, fixou-o perfeitamente na cabeça.

Conseguia ver-se como fora há doze anos, totalmente inexperiente, com um brilho no distintivo e naqueles malditos sapatos desconfortáveis.

Uma polícia, tanto antes como agora, sem qualquer dúvida, sem qualquer hesitação sobre o que estava destinada a ser. O que tinha de ser. Ela pensara que sabia, mas não soubera, ainda não tinha realmente começado a saber o que iria ver e fazer, o que iria aprender e aceitar. O que iria viver, e com o que iria ter de viver.

Muitos limites ultrapassados, pensou ela, e um limite muito nítido e acentuado fora ultrapassado quando ela entrara no apartamento 303 do número 258 da Murray Street, num dia sufocante no final de setembro, apenas seis semanas depois da sua graduação na Academia.

Ela recordava-se do medo, do gosto a cobre na garganta, e recordava-se do horror como uma névoa vermelha.

Teria, atualmente, feito algo de forma diferente, agora que sabia, agora que já não era inexperiente? Ela não conseguiria dizê-lo, decidiu, e interrogou-se por que razão estaria a fazer aquela pergunta a si mesma.

Tinha cumprido o seu dever. Era tudo o que um polícia podia fazer.

Ouviu a porta exterior abrir-se, afastou-se do espelho, fechou o cacifo. E, quando se virou, lá estava ele.

Ela tinha-lhe dito para não alterar o seu horário, mas Roarke fazia frequentemente o que lhe apetecia. Vê-lo tranquilizou-a, afastou a pergunta à qual ela não conseguia responder, diminuiu a luz que iluminava o passado que ela desejava poder apagar.

Ele sorriu-lhe — belo, simplesmente belo, no seu elegante fato de negócios, o volume negro do seu cabelo a reluzir quase até aos ombros.

Ela conhecia cada traçado e cada ângulo daquele incrível rosto, cada linha do corpo alto e esguio. E, mesmo assim, havia alturas em que simplesmente fitá-lo lhe roubava o fôlego, tão agilmente como o ladrão que ele havia em tempos sido.

— Eu adoro uma mulher de uniforme. — A Irlanda entrelaçava-se na voz dele como reflexos de prata.

— Os sapatos são uma porcaria. Disse-te que não precisavas de vir. É apenas uma formalidade.

— É muito mais do que isso, tenente, e não o perderia por nada deste mundo. Quando penso em todos os anos que passei a escapar aos polícias, e nunca sequer considerei o quão atraente uma mulher pode ficar de uniforme de Polícia... Ou talvez seja apenas a minha mulher. A minha polícia.

Ele avançou um passo, passando o polegar sobre a covinha no queixo dela enquanto lhe erguia o rosto. Beijou-a, muito levemente, e os seus impressionantes olhos azuis procuraram os dela.

— O que é que se passa?

— É só trabalho. — Ela sabia que ele via o que os outros não viam. — Surgiu algo.

— Apanhaste um caso?

— Não exatamente. Não tenho tempo para falar disso agora. Mas ainda bem que vieste. Não vai demorar muito. Só tens de adiar a compra de alguns países do Terceiro Mundo e ouvir o presidente da Câmara fazer um discurso enfadonho.

— Vale bem a pena. — Ele manteve a mão no rosto dela por um momento. — Contas-me mais tarde, nesse caso.

— Sim. — Ela fá-lo-ia. Ela podia fazê-lo. Roarke era mais um limite ultrapassado, o maior e o melhor. Ela conhecera-o noutra cerimónia, uma para os mortos, sendo ela a investigadora responsável de um homicídio, ele um suspeito com um passado obscuro, um presente questionável. Um homem com o rosto de um anjo caído e mais dinheiro e poder do que o próprio Diabo.

Agora, era dela.

Eve pegou-lhe nas mãos, sentiu a forma da aliança de casamento dele contra a palma da sua mão.

— É uma longa história.

— Arranjaremos tempo para ela.

— Mais tarde. — Ela encolheu os ombros. — Tens razão. Isto é mais do que uma mera formalidade. É importante para a Peabody e para a detetive Strong. O momento é mais do que a medalha, e a porra de muito mais do que o discurso enfadonho. Elas mereceram-no.

— E a tenente.

Ela referiu o que pensara anteriormente.

— Eu cumpri o meu dever.

Acompanhou-o até à porta. Esta abriu-se mal ela a alcançou. Ian McNab, o companheiro de Peabody, encontrava-se ali, não com as habituais cores e padrões garridos dos estilosos cromos da electrónica, mas com um elegante uniforme de polícia. Até tinha enfiado o seu longo rabo de cabelo loiro de baixo do chapéu. Ele disse-lhe:

— Olá, Dallas, estás com bom aspeto. Roarke, ainda bem que vieste.

— Ian, mal te reconheço. Estás com um ar muito formal.

— Ponho-o quando é preciso. Os sapatos magoam.

— Já ouvi dizer.

— Passei por aqui para te informar de que decidiram mudar o evento para o exterior, para a escadaria em frente da Central.

— Oh, cala-te.

A compreensão brilhava nos seus olhos verdes.

— O presidente da Câmara queria mais exposição para os polícias que desfizeram o esquema de corrupção da Renee Oberman e, cá para mim, para ele próprio também. Imagino que terá outro grande destaque nos meios de comunicação. Polícias bons contra polícias corruptos, e tudo isso. Seja como for, a Peabody está na secretária dela. — Ele sacudiu um polegar sobre o seu ombro magro. — Com a cabeça entre os joelhos. Talvez a possas acalmar para que não se passe quando o presidente da Câmara lhe puser a medalha.

— Oh, pelo amor de Deus.

Eve saiu em passos largos, alta e elegante no uniforme, entrou no átrio da esquadra e dirigiu-se à secretária de Peabody.

— Controle-se, inspetora. Estás a envergonhar-te a ti própria e, mais importante, estás a envergonhar-me a mim.

— Eles vão fazê-lo lá fora. Em público.

— E então?

— Público — disse Peabody, com a cabeça ainda entre os joelhos.

— Estás a ser homenageada por este departamento e por esta cidade por teres integridade, coragem e capacidade para acabares com uma praga neste departamento e nesta cidade. Polícias corruptos, assassinos, gananciosos, traidores, estão fechados neste momento em celas porque tu tiveste essa integridade, essa coragem e essa capacidade. Não me interessa se eles fazem a porra desta coisa na Grand Central, tu *vais* levantar-te. *Não* vais vomitar, desmaiar, chorar como um bebé ou guinchar como uma miúda. É a maldita de uma ordem.

— Eu tinha mais em mente um discurso do tipo: «Relaxa, Peabody, este é um momento de orgulho» — murmurou McNab a Roarke.

Roarke abanou a cabeça e sorriu.

— A sério? Ainda tens um pouco para aprender, não tens?

— Tenente. — Com um suspiro audível, Peabody pôs-se de pé.

— Jesus, estás toda verde e suada. Vai molhar a cara com água fria.

— ‘Tá bem.

— Peabody. Raios, tu mereceste isto. Por isso, aguenta-te, endireita-te e aceita com orgulho o que mereceste. Se não o conseguires fazer por orgulho, então fá-lo por medo, porque juro por Deus que te dou um pontapé no traseiro com tanta força, e durante tanto tempo se tu...

Ela interrompeu-se quando se apercebeu de movimento, viu os rostos. Pensou: *Merda*.

— Não queremos interromper — disse Phoebe Peabody com um sorriso descontraído.

— Mãe? — Apesar da ordem direta, Peabody guinchou como uma miúda. — Pai. Vocês vieram! Vieram de tão longe até Nova Iorque.

Ela lançou-se sobre eles, saltitou para cima e para baixo nos seus braços com os seus sapatos formais.

— Apanhámos trânsito, senão teríamos chegado mais cedo. — Sam Peabody fechou os seus belos olhos cinzentos e abraçou a filha com força. — Toda a gente manda beijinhos. Nós queríamos entregá-los.

— Vocês estão aqui. Estão aqui.

— Onde mais poderíamos estar? — Phoebe inclinou o rosto de Peabody para trás, e a sua bonita face ficou suave como seda. — Olhem para a minha querida menina. A minha doce e corajosa menina. Temos tanto orgulho em ti.

— Não, não. Vais fazer-me chorar, e isso não me é permitido. São ordens.

— Já ouvimos dizer. — Atirando para trás o seu longo cabelo escuro, Phoebe aproximou-se, deu um abraço a Eve e um beijo na bochecha. O riso rápido mostrou que Phoebe sabia que demonstrações de afeto envergonhavam Eve. — Ficas formidável de uniforme. E atraente. Não fica, Sam?

— É verdade.

Recebeu outro abraço e outro beijo, mesmo ali, no seu próprio átrio. *Free-Agers*, pensou ela, só queriam espalhar o amor.

Eve só conseguiu suspirar de alívio quando eles voltaram a sua atenção para McNab e Roarke.

— Eles nunca quiseram que eu fosse polícia — disse Peabody em voz baixa, chamando a atenção de Eve. — Eles amam-me, e queriam que eu estivesse segura e em casa. Mas eles amam-me e deixaram-me partir. Vieram ver-me receber este louvor. Eu não vou vomitar nem desmaiar.

— Ótimo. Sai depois da cerimónia, passa algum tempo com eles.

— Mas o McQueen...

— O caso não é nosso. Ainda. Tira algum tempo, Peabody. As coisas poderão ficar más durante algum tempo, por isso aproveita o que é bom enquanto tens oportunidade.

Eve encontrava-se na escadaria da Central, num ambiente húmido e quente devido à tempestade matinal. Talvez tivesse preferido um local mais privado para a cerimónia — menos meios de comunicação social, menos confusão —, mas Peabody merecia o momento. Tal como a detetive Strong, que estava ali com elas, apoiada em muletas.

Tinham atraído a multidão que o presidente da Câmara desejara, com bastantes repórteres, colegas da Polícia, família e os mirones habituais. Deixou que os discursos enfadonhos lhe passassem ao lado enquanto observava.

Nadine Furst, obviamente, no centro da primeira fila, com os outros média. Ela não perderia a história, nem refreria a sua amizade. Viu Mira, vestida com um dos seus adoráveis fatos, e recordou a si própria que devia falar sobre Julie e Tray com a melhor especialista em perfis e psiquiatra do departamento.

Os pais de Peabody, de mãos dadas. Mavis, a sua amiga mais antiga, estava com eles, juntamente com o marido e a bebé.

Ela não estava à espera de que fossem. Aparentemente, minimizar toda aquela questão da homenagem não tinha funcionado. Obviamente, pensou

ela, quando avistou Crack — era difícil não ver um homem preto gigante e tatuado, com penas penduradas nas orelhas. E ao lado dele estava Charles, o elegante ex-companhante registrado, junto da sua recente esposa, a dedicada doutora Louise Dimatto.

Eve sentiu-se estremecer devido a um ligeiro terror ao ver Trina a acotovelar caminho até Mavis, a acariciar a bebé Bella e depois a lançar a Eve um olhar semicerrado e crítico.

Credo, não era como se alguém conseguisse sequer *ver* o cabelo dela por baixo do chapéu. A não ser Trina, concluiu. Ela suspeitava que a cabeleireira e esteticista tinha visão de raios-X.

Eve desviou o olhar, descobriu Roarke e decidiu que se sentia mais confortável a olhar para ele.

Quem é que não sentiria?

Depois vivenciou puro choque quando teve a certeza de que tinha apanhado de relance uma figura ossuda vestida de preto. Summerset, o mordomo de Roarke, o chato, o cadáver ambulante, ali?

Talvez ela estivesse a alucinar devido ao tédio do discurso interminável.

Todos os polícias da sua divisão haviam comparecido e ficado, a pedido dela, nos degraus. Tal como Feeney, o seu antigo instrutor, parceiro e atual capitão da Divisão de Detecção Eletrónica. O seu rosto desolado mantinha-se sério, mas ela achou que os olhos dele estavam ligeiramente vidrados.

Imaginou que os dela também deveriam estar.

Eve prestou novamente atenção quando se ouviram os aplausos, desviou o olhar para o comandante Whitney quando este se juntou ao presidente da Câmara. Também ele estava fardado. Ela pensou, tal como fazia muitas vezes, no polícia de rua que ele tinha sido antes de ocupar o cargo.

Dirigiram-se a Strong. O presidente da Câmara falou-lhe em voz baixa sobre o seu serviço, os seus ferimentos, fixou-lhe a medalha no peito.

O processo repetiu-se com Eve. Ela não tinha nada em particular contra o presidente da Câmara. Mas o aperto de mão de Whitney significava para ela mais do que as palavras de um político.

— Muito bem, tenente.

— Obrigada, senhor.

A seguir emergiu o orgulho quando o presidente da Câmara disse o nome de Peabody. Integridade, honra, coragem. Ela deixou o sorriso surgir, que se lixasse, ao ouvir a voz de Peabody, apenas ligeiramente trémula, a aceitar as felicitações e a gratidão.

Por momentos, correu tudo bem — o horário, a agitação, até mesmo a

ronda de fotos. Porque ela encontrava-se ao lado de duas excelentes polícias, e o homem que ela amava tanto que a deixava tola estava a sorrir-lhe.

Começou o sofrimento — palmadas nos ombros, apertos de mão. Eve apercebeu-se do brilho nos olhos de Peabody e retribuiu-o.

— Nada de abraços. Os polícias não se abraçam.

Peabody dirigiu o seu olhar a Strong, que estava a ser abraçada por outro polícia.

— Ela sofreu ferimentos.

— Está bem, mas na minha cabeça estás a receber um abraço gigante e um beijo grande e lamechas.

— Mantém isso na tua cabeça ou vais sofrer ferimentos.

Feeney subiu as escadas até Eve, com o chapéu do uniforme puxado para baixo sobre a sua explosão de cabelo ruivo e grisalho.

— Bom trabalho, miúda. — Ele deu-lhe o abraço de polícia aceitável: um murro no ombro.

— Obrigada.

— Estava a ver que o presidente da Câmara nunca mais se calava, mas, em suma, é a porra de um grande acontecimento.

Peabody recebeu de McNab o seu abraço e o beijo grande e lamechas, com a adição de uma palmada no traseiro.

— Sim, é a porra de um grande acontecimento. — Apercebeu-se de Roarke a dirigir-se a si e receou que fosse receber um abraço, e mais, apesar do seu apelo à dignidade.

Mas, em vez disso, ele simplesmente pegou na mão dela com as suas. Nos olhos dele, ela viu algo que fez os seus arderem. Viu orgulho.

— Parabéns, tenente. — Ele bateu na medalha com a ponta de um dedo. — Fica-te bem. E a ti, Ryan — disse ele a Feeney —, pelo teu papel em fazer dela a polícia que é.

O rubor surgiu nas feições de Feeney, tal como acontecia quando ele estava satisfeito ou envergonhado.

— Bem, ela tinha a matéria-prima. Eu só tive de a modelar com um pontapé aqui e ali.

— Ele fez muito disso — começou Eve. — Acho que ele...

A voz dela falhou. Ela viu-o, apenas um vislumbre, apenas um vestígio. O rosto atraente, a palidez da prisão. Óculos de sol, cabelo cor de areia penteado para trás, um elegante fato cinzento às riscas, gravata azul-real.

— Jesus Cristo.

Ela lançou-se para a frente, mas a multidão engoliu-os aos dois. Com

uma mão na coronha da sua arma, Eve abriu caminho, esticando o pescoço. Polícias e civis aglomeravam-se à sua volta; o barulho da Baixa da cidade ecoava pelas ruas e passeios. Um dirigível publicitário emitia uma música sobre as promoções no *Skymall*.

Roarke foi serpenteando até ao local onde ela se encontrava no passeio, com uma mão ainda na arma e a outra com o punho cerrado de frustração.

— O que é que se passa?

— Eu vi-o. Ele estava aqui.

— Quem?

— McQueen. Isaac McQueen. — Ela abanou a cabeça. — Sacana. Tenho de informar o comandante.

— Eu espero. Vai — disse ele. — Eu apresento as tuas desculpas à Mavis e aos outros. E Eve. — Ele colocou uma mão no braço dela. — Eu quero saber acerca disto, de tudo isto, quando terminares.

O comandante Whitney ainda estava de uniforme, tal como Eve, quando ela entrou no gabinete dele. Encontrava-se atrás da secretária, um homem grande que carregava bem o peso do comando sobre ombros fortes. Os seus olhos escuros, olhos de polícia, analisaram-na antes de ele acenar com a cabeça.

— Tem a certeza?

— Sim, senhor. Ele queria que eu o visse, queria que eu soubesse que ele podia simplesmente atravessar um mar de polícias à porta deste edifício. Ele precisa de insultar e humilhar este departamento, e a mim em particular. Tenho de reunir uma equipa, comandante, *o mais depressa possível*, e encontrá-lo.

— Ele está a ser procurado, tenente, pela NYPSD e pelo FBI. — Levantou uma mão antes que ela pudesse falar. — Compreendo que o queira, e que queira participar na investigação. Não lhe vou dizer para não usar o seu conhecimento considerável sobre o McQueen, nem os seus recursos para ajudar na busca. A verdade é que ele a quer tanto a si quanto a tenente o quer a ele, e suspeito que ele pensou muito mais em si nestes últimos anos do que a tenente pensou nele.

— Eu conheço-o, comandante. — A frustração que ela sentira na rua procurava emergir de novo. — Melhor do que qualquer polícia da NYPSD, melhor do que qualquer agente do FBI. Fiz questão de o conhecer. Não pretendo esperar até que ele mate alguém para fazer dele a minha prioridade.

— Acredita que ele vai voltar a contactá-la?

— Sim, senhor, vai.

— Então, partiremos daí. Entretanto, junte tudo o que sabe sobre ele, analise as suas probabilidades, faça uso dos seus recursos. Aguardo, de manhã, um relatório completo do diretor, do administrador e do psiquiatra da prisão responsável pelo caso do McQueen, assim como dos guardas do seu bloco. Receberá uma cópia.

— Ele tem um plano. Ele tem sempre um plano. Ele não saiu de Rikers sem um plano. Quero interrogar outros prisioneiros com quem ele mantinha contacto regular, e os guardas. Preciso de aceder aos registos dele, à lista de visitas, às comunicações.

— A prisão está a conduzir uma investigação interna.

— Comandante, ele está cá fora há quase vinte e quatro horas.

— Estou ciente disso, tenente. Eu não fui informado sobre a fuga até esta manhã. — Ele esperou um pouco e acenou lentamente com a cabeça. — Eu e o presidente da Câmara tínhamos mais assuntos a discutir hoje além de distribuir medalhas, por mais merecidas que fossem. A administração da prisão pediu tempo para conduzir a sua investigação, até às nove horas. Foi-lhes dado esse tempo. Posso prometer-lhe que amanhã, às nove e um minuto, terá acesso ao que eu tenho.

— Eles estão com politiquices e a protegerem-se a si mesmos. Amanhã, às nove, ele pode ter apanhado outra rapariga. Mais do que uma.

— Também estou ciente disso. — Nessa altura, ele sentou-se. — Mesmo depois de nos ser disponibilizado o que precisamos, podemos não descobrir nada que possa ajudar nesta caça ao homem. A sua anterior captura envolveu um forte trabalho policial, Dallas, e um golpe de sorte. Vamos precisar de ambos para tornar a enfiá-lo onde pertence.

Eve demorou algum tempo a mudar de roupa, a reunir todos os discos de ficheiros de que precisava, os relatórios antigos. Mesmo assim, ainda conseguia sentir o gosto amargo no fundo da garganta.

Como combinado, Roarke encontrou-se com ela junto ao seu veículo na garagem.

— Vamos, passa-me alguns. — Ele pegou numa das pastas a abarrotar que ela levava. — Eu ter-te-ia ajudado se me tivesses dito que vinhas carregada.

Ela queria dizer que o peso era seu para carregar, mas isso soaria a presunção.

— Não me apercebi de que era tanto.

Não era inteiramente verdade, pensou Eve, e deixou-o conduzir. Ainda havia mais sobre Isaac McQueen, guardado no seu escritório em casa.

— Primeiro, devo dizer-te que recusei uma série de convites para bebidas, jantares, e/ou uma festa e bebedeira genial num local à tua escolha.

Esse último convite teria sido de Mavis, deduziu Eve.

— Desculpa.

— Não precisas de pedir desculpa. Tens muitas pessoas orgulhosas de ti hoje, e que entendem que tens trabalho a fazer. Os pais da Peabody pretendem ficar um dia ou dois, e gostavam de te ver novamente antes de partirem.

— Sim, isso seria bom. — Ela tamborilou com os dedos da mão direita no joelho.

— Como é que correu com o Whitney?

— Mais ou menos como esperava. Menos do que queria.

— Pelo peso dos sacos, diria que vai ser uma noite atarefada.

— Não vou receber dados da prisão até de manhã. O Isaac McQueen. Ele é...

— Investiguei-o enquanto estavas com o Whitney, por isso sei os pontos principais. Vinte e seis raparigas. E depois tu. Quero saber mais sobre isso, Eve, vindo de ti.

— Vou contar-te tudo. Creio que preciso de o fazer. Mas tenho de desanuviar a cabeça. Tenho de me recompor. Ele pode estar em qualquer lugar. — Observou as ruas, os passeios, os edifícios, as multidões em constante movimento. — Em qualquer lugar. Quero andar lá fora, à procura, mas é uma perda de tempo e de energia. Tenho de pensar, e não consigo pensar enquanto não puser as ideias em ordem. Preciso de fazer exercício para me libertar um pouco disto, transpirar um pouco. Passar uma hora no ginásio.

— Com um droide de combate no qual possas bater?

Ela sorriu ligeiramente.

— Nem é preciso tanto.

— Aproveita a tua hora. Depois falamos.

Eve manteve-se em silêncio enquanto ele atravessava os portões, percorria a longa curva do caminho até à bela casa com as suas torres, os seus torreões, o seu estilo original.

Ele construiu isto, pensou ela. *Esta casa. Este lar.* Era o seu lar agora, também, e isso era outra coisa que lhe podia roubar o fôlego.

— Eu antes não tinha ninguém com quem falar sobre isto. Ainda não

tinha começado a ser orientada pelo Feeney, ainda não tinha conhecido a Mavis. Não pensei que precisasse ou quisesse falar com alguém sobre isto. Acho que agora, desta vez, se não o fizer, posso enlouquecer um pouco. Não sei se aguentaria voltar ao passado sozinha.

— Não vais fazê-lo. — Tal como acontecera na Central, ele pegou na mão dela com as suas. — E nunca mais o farás sozinha. — Desta vez, com os olhos fixos nos dela, levou-lhe a mão aos lábios. — Aproveita a tua hora. Vá, eu vou buscar as tuas pastas.

Ele sabia, pensou ela, porque tinha lido sobre McQueen, que ela precisava de tempo, e percebia a razão. Eve não sabia ao certo o que tinha feito na vida para merecer alguém que a compreendesse tão bem.

Entrou em casa.

Por outro lado, tudo tinha um preço.

Summerset encontrava-se ali parado, com o seu rígido fato funesto preto, o rosto severo como uma lápide — e o gato gordo, *Galahad*, agachado aos seus pés.

— Apercebi-me agora de que ainda consigo ficar chocado — disse ele. — Chegou a casa quase a horas, e sem sangue.

— O dia ainda não acabou. Sabe que pensei ter visto um cadáver a caminhar por aí há umas horas? Teve de ir à Baixa comprar um olho de tritão?

Ele levantou as sobranceiras.

— Não faço ideia sobre o que está a falar. Prefiro fazer as minhas compras na Alta da cidade.

— Deve ter sido outro cadáver. — Ela passou por ele e optou por apanhar o elevador para descer até ao ginásio.

Pensando que a tenente havia estado impressionante no seu uniforme, de pé nos largos degraus da Central, Summerset aproximou-se para abrir a porta a Roarke.

E ergueu as sobranceiras ao ver as pastas.

— Presumo que qualquer jantar de comemoração esteja suspenso.

— Está, sim. Um velho adversário voltou a aparecer. É preocupante — disse Roarke enquanto subia as escadas com o gato a segui-lo.

Ela correu quase cinco quilómetros, intensamente, escolhendo um ambiente urbano, para que o programa simulasse o som dos seus pés a bater no asfalto, o zunir do tráfego — rua e ar.

Definiu outro programa para pesos e fez exercício até os seus músculos

gernerem. Quando isso não foi suficiente, tomou um duche para tirar o suor, na casa de banho anexa ao amplo ginásio.

Nadaria duas dúzias de voltas rápidas na piscina, queimando o resto da desagradável frustração e do medo doentio.

Não se dera ao trabalho de vestir um fato de banho, pegando simplesmente numa toalha. Passara mais tempo do que a hora que tinha pedido, notou, mas ainda não era suficiente.

Quando saiu para o paraíso tropical da zona da piscina, entre as árvores e as flores, viu-o sentado a uma mesa. Vestira uma *t-shirt* e calças informais. Tinha uma garrafa de vinho, dois copos, e estava a trabalhar com aparente prazer no seu minicomputador portátil.

À espera dela, pensou Eve. Não era um milagre? Este homem fantástico esperava por ela, estava presente para si.

Eve não precisava dos cinco quilómetros, apercebeu-se, nem dos pesos ou das piscinas. Tudo o que ela precisava era de Roarke.

— Aí estás tu. — Ele ergueu o olhar. — Melhor?

— Demorei mais do que tinha dito. Distraí-me.

— Não faz mal. Tinha algum trabalho para terminar, e também fui dar umas braçadas.

— Oh. Estava a pensar que ias nadar comigo.

— Bem, podia tê-lo feito, mas gosto sempre de te ver na água, especialmente porque gostas de nadar nua.

— Perverso. — Ela caminhou até ele. — Porque não entras? A não ser que só te apeteça ver.

Ela deixou cair a toalha.

— Quando pões as coisas dessa maneira.

Em vez de mergulhar como era seu hábito, ela desceu os degraus, pelo canto menos profundo da piscina, ordenando a ativação de jatos e luzes azuis enquanto se afundava lentamente.

— Eu ia queimar o resto da energia com umas voltas — disse ela enquanto Roarke tirava a roupa. — Mas imagino que tu consigas fazer melhor. Talvez.

— Um desafio. — Ele juntou-se a ela na água. — Algo para o qual estou sempre pronto.

Ela inclinou a cabeça para trás, enfiou os dedos no cabelo dele, agarrou-o.

— Prova-o — disse ela, e puxou a boca dele para a dela.

Eve queria calor e intensidade, como os jatos a pulsar na água azul. Não queria ternura, nem carícias gentis, mas avidez e despreocupação.

Ele soube, sabia sempre. Ela cravou os dentes no ombro dele enquanto as mãos de Roarke se agarravam, ásperas e prontas, puxando-a para o lugar onde não havia espaço para pensamentos, para preocupações, para um mundo de crueldade.

A boca dele, a boca dele, queimando-lhe a pele, devorando-lhe o coração através do peito, enquanto a mão dele se enfiava entre as pernas dela. O primeiro orgasmo atravessou-a enquanto ele a arrastava para debaixo de água.

Sem fôlego, às cegas, ela afundou-se na piscina, nele e no mar agitado de sensações. Apenas para emergir com um grito selvagem de libertação quando ele a puxou de novo.

Ela abraçou-se a ele, escorregadia devido à água, a escaldar devido às suas necessidades. As mãos e a boca dela estavam tão ocupadas como as dele, tão exigentes e insistentes. A angústia que ele vira nos olhos dela, a tristeza que ele sentira entrelaçada nela, desvaneceram-se. Com elas, desapareceu a preocupação dele, desapareceu tudo menos aquele desejo louco, quase brutal.

Enredado nesse desejo, empurrou-a contra a parede. Os dedos dele cravaram-se nas ancas de Eve enquanto mergulhava nela.

Suspiros ofegantes soltavam-se abafados contra a sua boca. Ele queria engoli-los, engoli-la em tragos profundos e sombrios. A água embatia e escorria, jorrava ao longo da pele ténue e estranhamente azul devido à luminosidade.

— Toma mais. — Mergulhado nela. Afogando-se nela. — Toma mais.

Sim, pensou ela, *sim. Mais*. Agarrando-se à borda, Eve enrolou as pernas à volta da cintura dele. Arqueando-se para cima, para trás, ela tomou até que os seus gritos ecoaram pelo jardim. Tomou até não restar mais nada.